

OS DESDOBRAMENTOS DO FONEMA JAKOBSONIANO: DOS TRAÇOS DISTINTIVOS AO SIMBOLISMO SONORO

THE DEVELOPMENT OF THE JAKOBSONIAN PHONEME: FROM THE DISTINCTIVE FEATURES TO THE SOUND SYMBOLISM

THAIZA BARROS¹
MARIA FRANCISCA LIER-DEVITTO²
SANDRA MADUREIRA³

RESUMO: O objetivo deste artigo é enfocar os desdobramentos da proposição dos traços distintivos por Jakobson (1977). Consideramos como Jakobson, a partir da obra de Saussure ([1916] 2012), pressiona noções definitórias do signo linguístico saussuriano, mais particularmente a de oposição; abrindo, com isso, espaço para a inclusão do nível acústico na cadeia da fala e, conseqüentemente, para as relações entre som e sentido, que são debatidas ao longo dos séculos - desde quatro séculos antes de Cristo até a atualidade. Abordamos os conceitos de oposição fonêmica, as críticas à irreducibilidade do fonema, a distintividade entre traços de sonoridade e a abertura para a consideração da expressividade da fala ao agregar o simbolismo sonoro e a noção de relação entre som e sentido linguisticamente motivada.

Palavras-chave: traços distintivos, fonemas, simbolismo sonoro.

ABSTRACT: The aim of this article is to focus on the development of the distinctive features by Jakobson (1977). We consider how Jakobson, thenceforth Saussure's work, pressures defining notions regarding the saussurean linguistic sign, most notably the opposition; making way to the insertion of the acoustic level in the speech chain and opening discussion to the relation amongst sound and meaning, which has been debated throughout the centuries since four centuries before Christ until the present time. We approach the concepts of phonemic opposition, the criticism about the phoneme irreducibility, the distinctiveness amongst sound traits and the openness to the consideration of the speech expressivity when aggregating the sound symbolism and the notion of the sound and meaning linguistically motivated relation.

Keywords: distinctive features, phonemes, sound symbolism.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é discutir os desdobramentos dos traços distintivos propostos por Jakobson (1977). Apontaremos como Jakobson pressiona noções definitórias do signo linguístico,

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – LAEL, São Paulo, SP, Brasil. thaiza.barros@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4077-1611>.

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - LAEL, São Paulo, SP, Brasil. mf.devitto@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3587-1431>.

³ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - LAEL, São Paulo, SP, Brasil.
sandra.madureira.liaac@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8263-053X>.

(SAUSSURE, [1916] 2012) visando o fonema, e caminha para o estudo sobre o vínculo entre som e sentido, discussão iniciada pelos filósofos gregos no século IV antes de Cristo. Abordaremos a discussão do trabalho de Jakobson sobre Saussure no que se refere à oposição fônica, a irredutibilidade do fonema e a distintividade entre os traços de sonoridade. Veremos como Jakobson caminha para o avanço da fonologia ao agregar discussões sobre a expressividade da fala e o simbolismo sonoro destacando, neste percurso, uma relação entre som e sentido linguisticamente motivada.

Ao lermos Jakobson (op. cit.), ouvimos o eco produzido por Saussure, que deixou legados para além da linguística. Saussure marca um novo ideal de ciência com o afastamento do raciocínio indutivo em favor do dedutivo, que coloca em perspectiva operações e estrutura, i. e. operações estruturais como definitórias do objeto da linguística “perene e universal”. Com efeito, para Saussure, além da tarefa descritiva dos fatos linguísticos, ele torna imperativo procurar “forças em jogo... deduzir leis gerais” (op. cit.). Entendamos: forças e leis não são de natureza sensível e sim intelectível. Em outras palavras, a questão é definir leis de funcionamento que estão presentes em toda e qualquer língua particular. Entretanto, seu pensamento *avant-garde*, que propunha uma mudança radical no *modus operandi* dos linguistas, foi pouco validado pela linguística na época, mas deixou marcas profundas nas ciências humanas. Basta mencionar, aqui, a antropologia dita estrutural de Lévi-Strauss e o retorno de Lacan a Freud com o Estruturalismo Europeu. Neste trabalho destacamos Jakobson como uma exceção na linguística, ele pode escutar a novidade saussuriana e fazê-la render em sua própria obra.

Os efeitos do pensamento estrutural proposto por Saussure ficam claros no prefácio em que Lévi-Strauss faz ao livro *Sobre o Som e o Sentido* de Roman Jakobson (1977), não é sem motivo portanto, que damos relevo especial a este texto em nosso artigo. O antropólogo coloca-se como aprendiz de Jakobson e exalta a sua maneira de fazer linguística. Para Lévi-Strauss (1977), a linguística estrutural, recolhida nos cursos de Jakobson⁴ em Nova York, pode trazer uma grande mudança em seu pensamento antropológico, qual seja, a possibilidade de apreender as relações mais simples e inteligíveis que unem os termos. Em outras palavras, ele foi guiado a buscar leis estruturais; ou seja, o que Lévi-Strauss recolhe de Jakobson é a necessidade de definir leis comuns às organizações culturais particulares.

Foi mesmo este o cerne da relação de Jakobson com Saussure, na medida em que sua meta foi buscar as regras gerais/universais da fonologia⁵, buscando organizar a diversidade das línguas em um sistema. Interessa dizer que um dos postulados de Saussure foi comprovado, com o auxílio da tecnologia, pela fonética acústica: não se sabe onde termina um som e onde começa o outro. Essa afirmação é de grande valia para Jakobson, que apesar de ter elevado a discussão sobre os aspectos fonológicos, toma a obra saussuriana como merecedora de destaque e validação. Segundo ele, parecia nítido que Saussure caminhava para um modelo fonológico inovador em sua época. Podemos incluir aí a pontuação saussuriana da importância do lado acústico; o foco exclusivo nos movimentos articulatorios era, para ele, insuficiente na construção de uma fonologia. Apesar desta importante consideração o foco principal de Saussure não foi a acústica, seus estudos não abrangem essa noção concreta da fonologia.

De todo modo, a ideia de inserir o acústico nos estudos fonológicos foi de extrema valia e desde a década de 1980 até o momento, a fonética e a fonologia destacam a importância dos elementos presentes na cadeia da fala para se estudar os sons. Denes e Pinson (1993) esquematizaram os eventos implicados na sua produção e percepção. Na figura que representa a cadeia da fala, podemos acompanhar o trajeto compreendido na produção sonora. O primeiro

⁴ Aulas ministradas por Roman Jakobson entre 1942-1943 na Escola Livre de Altos Estudos.

⁵ Alguns capítulos do *Curso de Linguística Geral* são dedicados especificamente à fonologia na visão de Saussure.

nível é o da representação mental, o linguístico, cujo órgão responsável é o cérebro. Através dos nervos motores, a informação passa para o nível fisiológico, usando o aparelho fonador para articular o som. Após a articulação dos sons, temos o nível acústico, que se refere à transmissão do som através das partículas de ar em movimento, o que chamamos de onda sonora. O acústico é o nível concreto da cadeia da fala. A onda sonora é processada auditivamente e perceptivamente no nível fisiológico do ouvinte, ou seja, pelo ouvido, pelos nervos sensoriais e pelo cérebro, retornando ao nível de representação linguística.

Notamos que o que Saussure (op. cit.) encaminhou em suas reflexões sobre a fonologia foi valorizado por Jakobson (op. cit.) que pode elevá-las ao estatuto de proposições problemáticas subsidiárias de sua construção original sobre o assunto. É interessante pensar que Saussure já demonstrava uma inquietação em relação a encontrar as regras fonológicas e deduzir as leis gerais, dedicando uma parte de seus estudos à fonologia. Saussure, contudo, apesar de mostrar avanços importantes, como a afirmação sobre o nível acústico e a necessidade de descrição de um fonema como unidade complexa, foi fortemente criticado por Jakobson, que passará a explorar lacunas e vaguezas sobre a problemática da distintividade entre os fonemas.

2. JAKOBSON: A DISCUSSÃO SOBRE O FONEMA

Há, nas discussões entre a obra de Jakobson (1977) e Saussure ([1916] 2012) aproximações e divergências. Um dos pontos em que esse movimento se manifesta é acerca da discussão sobre o fonema. Saussure define o fonema como "[...] a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia" (SAUSSURE, [1916] 2012, p. 77). Jakobson por sua vez, descreve o fonema como "os sons unidos de um valor distintivo, os sons que podem diferenciar as palavras" (JAKOBSON, 1977, p. 36). Para este autor, o caráter distintivo é o que qualifica um fonema e é a função distintiva que tem papel primordial em uma língua. Entender o fonema, na perspectiva jakobsoniana exige um trabalho cuidadoso e delicado de acompanhamento de sua montagem e seus desdobramentos.

Jakobson toma como empiria, para descrição e exemplificação de seus argumentos, o francês, o russo e o tcheco. Faremos aqui um acréscimo ao incluir o português brasileiro neste ambiente. Cada língua possui um inventário próprio de sons que ela mobiliza, e há sons que carregam valor distintivo. Trata-se neste último caso de fonemas. No português brasileiro, temos sete fonemas orais em posição tônica (/a/, /e/, /ɛ/, /i/, /o/, /ɔ/, /u/), três fonemas em posição pós-tônica (/ɐ/, /ʊ/, /ɪ/) e cinco fonemas em posição pré-tônica (/a/, /ɛ/, /i/, /ɔ/, /u/).

Para ilustrar a carga distintiva do fonema, consideremos os fonemas /e/ e /ɛ/ em posição tônica. No português brasileiro, estes dois sons são fonemas, pois possuem traços distintivos, portanto, tem poder de diferenciar palavras no inventário lexical dessa língua em particular. Vejamos uma palavra cuja grafia é exatamente igual, porém foneticamente distinta, como é o caso da palavra *pele*. Se a primeira vogal dessa palavra for o fonema /e/, portanto, /pele/, ela remete a um substantivo masculino ou a uma preposição. No entanto, fazendo-se um processo de comutação no mesmo contexto fonético e substituindo o /e/ pelo /ɛ/, temos /pele/, o presente do indicativo do verbo falar.

O caráter distintivo, mencionado acima, que um som carrega é o que define um fonema, segundo o pensamento jakobsoniano. Retornemos aos mesmos sons /e/ e /ɛ/ no inventário da língua espanhola. No espanhol, tais sons não diferenciam palavras, ou seja, não carregam traços distintivos, logo, não são considerados fonemas, e sim, duas variantes de um mesmo fonema, como é também o caso na língua checa, analisada por Jakobson.

3. A IRREDUTIBILIDADE DO FONEMA

Um dos pontos de divergência entre o que Saussure (op. cit.) propôs e o que Jakobson (op. cit.) postulou diz respeito à irredutibilidade do fonema. Saussure é categórico ao exemplificar que o conjunto *ta* é composto de um momento mais o outro, ou seja, de dois fragmentos, ao passo que */t/*, forma redutível de *ta*, por si só é irredutível e pode ser considerado *in abstracto*. É fato que os fonemas são entidades abstratas, e o que escutamos é na verdade a realização do fonema por meio do som. Entretanto, a visão quanto ao fonema ser irredutível é alvo de questionamento.

A construção que Jakobson faz sobre o fonema e a fonologia revela o que está por vir: a produção de uma fonologia particular, estruturada e sistematizada, que apesar de beber da fonte saussuriana, expande e redireciona alguns conceitos fonológicos até então vigentes. A visão que Jakobson constrói quanto à redutibilidade do fonema é inovadora e tal elaboração é aceita nos dias de hoje nos campos dos estudos dos sons.

Jakobson sustenta que o fonema, ao contrário do que Saussure pressupôs, não é forma irredutível, e portanto não é o nível mínimo da análise linguística. O fonema, sendo unidade complexa é passível de segmentação, diz ele: irredutíveis são denominadas qualidades distintivas. Os fonemas se dissociam em traços distintivos, estes, sim, indecomponíveis. Os traços distintivos são, portanto, o nível mínimo da análise linguística.

As qualidades distintivas são oposições binárias, necessariamente opostas entre si e desprovidas de significação própria, ideia que discutiremos mais abaixo. As qualidades distintivas têm, segundo Jakobson, funcionamento autônomo dentro de uma língua, estão reunidas em feixes. Isso implica que todos os fonemas de uma língua têm qualidades distintivas em comum e qualidades distintivas opostas, a fim de que haja diferenciação entre os fonemas, tornando-os comparáveis.

Peguemos como exemplo alguns fonemas do português brasileiro e suas classificações. O fonema */p/* pode ser classificado como plosivo, bilabial e não-vozeado, enquanto o fonema */b/* é classificado como plosivo, bilabial e vozeado. As qualidades distintivas em comum no caso desses dois fonemas são o fato de ambos serem plosivos e bilabiais, ou seja, são unidos dentro do mesmo feixe quanto ao modo de articulação e ao ponto de articulação. No entanto, para que sejam dois fonemas distintos, é necessário que haja algum traço oposto, que no caso de */p/* e do */b/* é o vozeamento. Logo, se */p/* fosse produzido de maneira vozeada, o som ouvido seria representado pelo fonema */b/*, já que esses dois fonemas são unidos pelas mesmas qualidades distintivas, salvo pelo vozeamento.

No caso dos fonemas */m/* e */n/*, por exemplo, a qualidade distintiva oposta não é o vozeamento, e sim o ponto de articulação. O fonema */m/* é classificado como nasal, bilabial e vozeado, enquanto o fonema */n/* é nasal, alveolar e vozeado. Neste caso, o modo de articulação e o vozeamento são qualidades distintivas em comum, colocando-os no mesmo eixo: fonemas nasais. O que distingue o fonema */m/* do fonema */n/* é o ponto de articulação: um é bilabial e o outro, alveolar.

A necessidade de conhecer o que distingue um fonema do outro já se mostrava importante na visão saussuriana e o genebrino introduz conceitos, posteriormente aprofundados por Jakobson, ao propor uma classificação dos sons conforme a articulação vocal. Saussure afirma que todos os tipos de fonemas serão determinados quando todos os atos fonatórios forem identificados. Portanto, alguns momentos do seu curso são dedicados à elaboração de um estudo fonológico que contempla a classificação dos sons.

Embora haja, efetivamente, uma classificação segundo o modo de articulação, mostrando possibilidades de estudos nesse campo, é preciso reconhecer que Saussure não chegou a realizar uma análise mais profunda a respeito, de fato, do que seria irredutível nessa unidade complexa que é o fonema. Devemos, no entanto, pontuar que a pesquisa de Saussure foi extremamente importante para que Jakobson e outros linguistas pudessem retomar a sua obra e construir um pensamento inovador a partir do que os foi deixado como legado na área da fonologia.

4. O FONEMA COMO ENTIDADE OPOSITIVA

Saussure, ao reconhecer, no começo do século XX, que o que importa para o fonema não é a sua individualidade fônica, e sim a sua oposição em meio a um sistema fonológico, abre a importante discussão sobre os seus elementos opostos. Esta afirmação foi solo para o que Jakobson, depois dele, pudesse avançar a partir de críticas localizadas à proposta saussuriana.

Um aspecto essencial no pensamento de Saussure é a relação de oposição sígnica que está no centro da sua teoria do valor linguístico. O signo é uma unidade relativa, negativa e opositiva, quer dizer, ele não tem valor em “si”, mas é efeito da relação que entretém com outros signos. Neste sentido ele é unidade negativa (não é o que os outros são, ou seja, é o que os outros não são). Esta negatividade é estendida também aos fonemas. Ele afirma que “os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas” (SAUSSURE, 1916, p. 166). Jakobson, ao construir sua Fonologia, incidirá criticamente sobre a ideia de oposição que está no texto saussuriano. “Seriam os fonemas valorados pela oposição entre eles?”.

Com o intuito de debater essa afirmação saussuriana, Jakobson reflete sobre o termo *opostos* à luz das noções da lógica. Jakobson mostra, que pela lógica, uma relação de oposição é necessariamente binária e os dois termos estão ligados um ao outro de modo particular. Por exemplo, as palavras *claro* e *escuro* são opostas entre si, pois ao pensarmos em *claro*, nos vem à cabeça a noção de não ser *escuro* e é só a *escuro* que se pode opor. O mesmo acontece com todas palavras ou conceitos que são opostos: alto e baixo, frio e calor, belo e feio, por exemplo. Tendo isso em mente, seriam os fonemas opostos entre si, do mesmo modo?

Jakobson contesta a natureza da oposição, que, segundo ele está em Saussure. Para o primeiro autor, um fonema não convoca necessariamente o outro como seu oposto; não há relação recíproca entre dois fonemas particulares. O fonema /i/, por exemplo, não tem como seu oposto o fonema /a/, ou seja, não há modo de prever o fonema /a/ pela existência do fonema /i/. De fato, por que /i/ seria oposto a /a/ e não a /e/, ou a /o/, ou a /u/? Jakobson sustenta a partir destas considerações que a relação de oposição não se aplica entre os fonemas: um fonema não é oposto a outro. Segundo ele, Saussure é assertivo quanto à questão da oposição, no entanto, Jakobson diverge quanto à sua generalidade estendida a todas as unidades de uma língua. Contudo, a ideia de oposição não é descartada mas ressignificada na fonologia.

É importante assinalar que Saussure trata de justificar sua posição quanto a abordar o fonema como unidade opositiva. Jakobson, porém, não cede aos argumentos deste autor ao afirmar que os fonemas são “redutíveis” (e não irredutíveis) a traços distintivos. Neste sentido, a oposição não ocorre entre um fonema e outro, e sim, entre um traço distintivo e outro. Deste modo, as qualidades distintivas, ou traços distintivos retém caráter opositivo, ou seja, a vogal /i/ não é, por si só, oposta à vogal /a/, a oposição fica centrada na abertura que as distingue: a vogal /i/ é classificada como vogal fechada, enquanto que /a/, é uma vogal aberta.

5. O FONEMA COMO SIGNO VAZIO

Uma das novidades saussurianas é a discussão acerca da negatividade: uma coisa é o que ela não é, ou seja, nada vale em si. Para Jakobson, Saussure compreendeu perfeitamente a questão da negatividade dos fonemas, pois um fonema, na perspectiva jakobsoniana é uma unidade diferencial pura e vazia. Seu único valor está naquilo que ele não é, na significação diferente em relação a outro fonema na mesma posição.

Se olharmos à luz dos signos saussurianos, um fonema, sendo um signo, é composto de um significante e de um significado. Qual seria, então, o significado de um fonema? Jakobson nos guia à conclusão de que o fonema não tem um significado, seria, então "[...] um signo diferencial puro e vazio" (JAKOBSON, 1977, p. 60), divergindo de todos os outros elementos linguísticos.

Sendo um signo vazio, o fonema é desprovido de significação própria, porém, é ainda significante, ou seja, é capaz de significar. O fonema tido isoladamente não porta nenhuma significação *per se*, é preciso estar articulado em uma palavra para ganhar algum valor. Assim, o fonema /f/, por exemplo, não tem significação, é vazio. No entanto, ao inserirmos esse fonema em uma palavra, como *faca*, ele gera um sentido que o distingue do fonema /v/, por exemplo, que geraria *vaca* seguindo o processo de comutação. Portanto, o fonema é ao mesmo tempo significante e vazio de significação.

As questões acerca dos fonemas são de grande valia para Jakobson, e o linguista russo eleva as discussões de Saussure a um outro nível no que se refere à fonologia. Além de debater os postulados sobre a oposição, a significação e a irreduzibilidade dos fonemas, Jakobson nos conduz à problemática da arbitrariedade dos signos, ideia fortemente defendida por Saussure. Seria a relação entre o som e o sentido arbitrária ou motivada? Qual a relação existente entre o som e o sentido?

6. A RELAÇÃO ENTRE O SOM E O SENTIDO

A discussão a respeito da relação entre som e sentido é ao mesmo tempo antiga e extremamente atual nos estudos sobre a linguagem. O tratado mais antigo sobre a linguagem, *Crátilo*, data de 390-385 a.C e é uma discussão entre Sócrates, Hermógenes e Crátilo sobre a língua. Considerado o texto fundador da tradição filosófica de refletir sobre a linguagem, o escrito de Platão inicia esses devaneios importantes para diversos linguistas e estudiosos da língua, como Jakobson.

Durante o diálogo, a problemática da arbitrariedade dos nomes é posta: seriam os nomes arbitrários, ou teriam eles relação com aquilo que se nomeia? Sócrates, por meio de questionamentos e reflexões, discorre sobre a intencionalidade dos nomes. Para ele, tanto a escolha das sílabas que formam o nome quanto a escolha dos fonemas não é arbitrário, e possui intencionalidade.

No caso dos fonemas, por exemplo, Sócrates defende que há uma relação entre o fonema presente e o sentido do nome. Para ele, o fonema /r/, por exemplo, imprime a ideia de mobilidade já que é igual ao movimentar, como nas palavras: correr, correnteza, curso, rasgar, romper, girar. Os fonemas /d/ e /t/, devido à posição da língua - atualmente conhecido como ponto de articulação, que no caso dos fonemas /d/ e /t/ é alveolar e se caracterizam como consoantes plosivas, cujo traço distintivo é apenas o vozeamento - pressupõe detenção e estaticidade.

As percepções acerca do vínculo entre som e sentido proposta pelo escrito de Platão abriram caminho para essas questões, minuciosamente estudadas por Jakobson. Em entrevista com Krystyna Pomorska, Jakobson (1985) menciona que a sua paixão pela poesia o fez se aproximar

diretamente dos problemas entre o som e o sentido. Foi por meio da poesia que ele estudou a fundo os sons, propondo um olhar preciso para o fonema, e explorando o simbolismo sonoro.

Ao ministrar as lições sobre o som e o sentido, Jakobson introduz o simbolismo sonoro, que mais tarde viria a ser aprofundado. Logo no primeiro capítulo do livro *Seis Lições Entre o Som e o Sentido* notamos uma relação entre o texto de Jakobson e o diálogo entre Sócrates e Hermógenes ao procurar a relação existente nos fonemas de *nevermore* e o efeito de sentido no poema *The Raven*, de Edgar Allan Poe (1903). Segundo Jakobson, "basta um mínimo fônico para dar e transmitir um conteúdo conceptual rico, emotivo e estético" (JAKOBSON, 1977, p. 20), de modo que a palavra usada por Poe em seu poema, apesar de conter poucos vocábulos, possui um conteúdo semântico muito rico.

A partir do seu olhar minucioso para o som, Jakobson (1977) reconhece o impacto que um som pode produzir, gerando um sentido diferente. Essa discussão caminha para uma direção distinta do que Saussure postulava: a arbitrariedade radical dos signos, ou seja, o significante não está, de maneira alguma relacionado ao significado. Apesar de não derrogar o argumento saussuriano, Jakobson não adota totalmente a questão da arbitrariedade, porque, segundo ele, parece haver uma certa motivação na relação entre som e sentido. Impulsionado pela poesia, Jakobson sustenta que a materialidade fônica passa efeitos de sentido no ouvinte.

Ao criar o fonema, sistematizar os traços mínimos e perceber que as propriedades tinham questões articulatórias, Jakobson encaminha sua reflexão sobre o simbolismo sonoro. Como supracitado, o linguista discorre sobre o fonema como "signo vazio", portanto, devendo ser analisado apenas no nível do significante. Ora, o fonema, capaz de significar, não poderia, então, carregar em si efeitos de sentido que transmite um conteúdo estético emotivo? De acordo com algumas pesquisas (Abelin, 1999; Nobile, 2019), entendemos que um fonema é capaz de gerar um signo quando existente em uma palavra, como também de gerar efeitos de sentido específicos.

Tanto Åsa Abelin (1999) quanto Luca Nobile (2019) usam o estudo realizado por Köhler em 1947 que mostra como os ouvintes percebem as palavras fictícias *takete* e *maluma*. Os sujeitos de pesquisa, ao ouvirem a palavra, deviam relacionar cada uma a um desenho: o primeiro desenho continha traços arredondados, fluidos e contínuos, enquanto o segundo desenho continha traços pontiagudos e descontínuos. A grande maioria dos sujeitos relacionou *maluma* ao desenho fluido e contínuo, enquanto *takete* foi relacionado ao desenho pontiagudo.

Ao observarmos os fonemas contidos nas palavras do estudo, *maluma* é composta pelos fonemas /m/, /a/, /l/ e /u/. Todos os fonemas da palavra são ressoantes, portanto com alguma passagem de ar livre, gerando ressonância. As vogais, como /a/ e /u/, têm abertura total da passagem de ar, enquanto no fonema lateral /l/, a corrente de ar sai pela lateral da língua, encontrando alguma passagem de ar não obstruída. O fonema /m/, por sua vez, é nasal, de modo que a corrente de ar sai pelo nariz. Ademais, os fonemas presentes na palavra *maluma* são todos vozeados, gerando vibração contínua nas pregas vocais.

Vejamos o vocábulo *takete*, em que os fonemas constituintes são /t/, /a/, /k/ e /e/. Apesar de conter as vogais /a/ e /e/, que são sons ressoantes, as duas consoantes presentes na palavra são obstruintes plosivas. Os sons obstruintes são caracterizados pela presença de ruídos transientes e produzidos por meio da obstrução total da saída da corrente de ar seguido pela soltura completa. Isso gera uma consequência acústica que é ouvida por um silêncio - enquanto há a obstrução total; seguido de uma pequena explosão, chamada de *burst* - que indica o momento da soltura do ar. Deste modo, há mais interrupções na sequência de sons ouvida, o que faria da palavra *takete* se assemelhar mais à imagem descontínua e pontiaguda, como no estudo mencionado acima.

Nobile (2019) menciona ainda o fato de ambas as pseudo-palavras se relacionarem, segundo o estudo realizado por Lyman (1979 *apud* Nobile 2019) a alguns sentimentos de acordo com a o

efeito sonoro produzido nos ouvintes. Enquanto *maluma* era relacionado a palavras como calma, eternidade, tristeza e sabedoria, *takele* se passava a sensação de raiva, ansiedade e frustração.

A relação entre os fonemas de uma palavra e o efeito de sentido produzido começou com os pensadores gregos, como dissemos acima, foi intensamente estudada por Jakobson e continua sendo uma discussão atual devido às infindáveis possibilidades de conexões a partir do vínculo entre som e sentido. Quando Sócrates conversa com Crátilo e Hermógenes a respeito da sonoridade e não arbitrariedade dos nomes, ele inicia uma corrente de estudo que perpassa por diversas correntes linguísticas e se mantém atual depois de séculos, ainda gerando novos olhares, novas possibilidades e novas descobertas acerca do elemento específico da língua: o fonema.

7. O FONEMA NO SIMBOLISMO SONORO

Os efeitos entre som e sentido são discutidos desde o primeiro tratado sobre a linguagem, mas o que de fato existe na materialidade fônica para que um som gere sentido? Segundo Madureira (2020), a materialidade fônica é caracterizada por elementos que são capazes de gerar sentido, como os segmentos fônicos, sendo vogais e consoantes, e os elementos prosódicos, como padrões entoacionais, padrões rítmicos, taxa de elocução, pausas e ajustes de qualidade de voz.

Neste artigo, a expressão de sentidos pela materialidade fônica é considerada somente em relação aos valores associados aos segmentos fônicos, e não aos prosódicos. Como citado anteriormente, Platão (2014) atribui sentido às características dos segmentos fônicos. Quanto às vogais, o filósofo atribui o /a/ ao máximo, o /e/ ao excesso, o /o/ passa a impressão de redondeza e o /i/, a ideia de suavidade.

Jakobson (1976), por sua vez, defende que mesmo sem saberem o motivo por trás das suas respostas, as pessoas, quando perguntadas sobre qual fonema é mais sombrio: o /i/ ou o /u/, geralmente associam o /u/ ao fonema sombrio, e dificilmente o contrário. Para Madureira (op. cit.), essa associação poderia ser explicada pelas metáforas sonoras, propostas por Fónagy (2000), que surgem a partir de gestos articulatórios expressivos.

Madureira exemplifica as metáforas sonoras com os mesmos fonemas citados por Jakobson: o /i/ e o /u/. Ao compararmos as duas vogais, notamos que devido à posição da língua na produção desses sons, a cavidade oral de ressonância produzida na articulação do fonema /i/ é estreita, ao passo que na produção do fonema /u/, a cavidade é maior. No entanto, mesmo sendo maior, há um estreitamento da cavidade tanto no início, causada pela projeção dos lábios, quanto no final, devido à aproximação do dorso da língua ao véu palatino. Essa configuração forma uma cavidade fechada, que dá a ideia de sombrio e escuro, remetendo à imagem de uma caverna.

Ao observarmos o espectrograma de banda larga abaixo com a produção dessas duas vogais, vemos que as faixas de frequência reforçadas na vogal /i/ são mais altas, produzindo um som mais agudo, como mostrado no primeiro espectrograma; enquanto que na vogal /u/, as faixas de frequência reforçadas são mais baixas, gerando um som grave, observado no segundo espectrograma. Deste modo, as conotações com efeitos de sentido produzidas pelos segmentos fônicos fazem parte do simbolismo sonoro e são presentes na linguagem, especialmente na função poética.

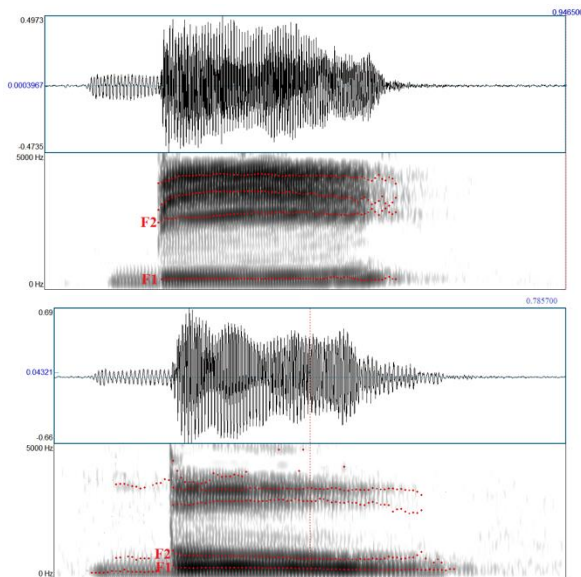


Figura 1. Espectrograma de banda larga com marcações das vogais /i/ e /u/, respectivamente.

Para Jakobson (1976), o simbolismo sonoro está presente e se faz sentir em diversos domínios da linguagem para além da poesia, porém, é por meio da poesia que sentimos o latente nexos interno entre som e sentido, manifestado de maneira mais palpável e intensa.

Madureira (op. cit.) também usa a poesia para mostrar como a fala é expressiva e como o fonema interfere nessa expressividade. O efeito de sentido gerado a partir do uso motivado de um fonema é observado em alguns poemas, cujos poetas claramente possuem um ideal emotivo e estético a ser passado.

Ao observar o poema *A onda*, de Manuel Bandeira (2017), Madureira aponta alguns fatores importantes na escolha dos fonemas, que acarreta em uma sensação de fluidez. O poema é majoritariamente composto por vogais orais e consoantes nasalizadas, que possuem passagem livre da corrente de ar, respectivamente pelas cavidades oral e nasal, gerando uma fonte de voz sem obstrução dos articuladores. Essa fonte de voz produz a vibração das pregas vocais e gera uma ressonância melodiosa, que pela autora, pode gerar uma sensação de harmonicidade.

Notamos que o único som que não é ressoante presente no poema é o fonema /d/. Apesar de ser um fonema plosivo, com obstrução total da corrente de ar, a sensação de fluidez e ininterrupção é passada através do seu vozeamento, que faz com que a contínua vibração das pregas vocais permaneça ao longo do poema.

A onda

a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

(BANDEIRA, 2017, p. 269)

Ao contrário de Bandeira, Drummond não expressa continuidade e fluidez, mas uma abrupta interrupção causada por uma pedra, como no poema *No meio do caminho*. O eu-lírico enfatiza a existência da pedra que encontrou no meio do caminho. Ao observarmos a frase mais recorrente no poema: “no meio do caminho tinha uma pedra”, notamos que a sentença é composta, assim como no poema *A onda*, de Bandeira, por muitos fonemas com passagem livre da corrente de ar, que geram a sensação de continuidade, como no caso das vogais e das consoantes /n/, /m/, além da encontro consonantal *-nh*. Eis que surge *pedra*, e com isso, novas categorias dos sons da fala.

A palavra *pedra*, no poema, quebra o contínuo e marca uma interrupção entre *no meio do caminho havia uma* e a palavra *pedra*. O fonema /p/ possui traços que imprimem esse sentido de barreira, pois é um som obstruinte plosivo desvozeado, ou seja, além de haver obstrução total da corrente de ar pelos articuladores, não há vibração das cordas vocais. Ao produzir-se o som de /p/, a consequência acústica é o silêncio - gerado pelo tempo em que há obstrução total da passagem de ar, e o ruído transiente - gerado pela soltura dos articuladores. O mesmo vocábulo também possui o fonema /r/, som ressoante chamado de tepe, que ressalta a existência de um bloqueio.

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.
(DRUMMOND, 2013, p. 36)

Podemos observar que por mais que o elemento formado por fontes de ruído que geram a sensação de barreira não seja o mais recorrente, o vocábulo *pedra* produz grande impacto no poema por se contrastar a fonemas que causam sensações de continuidade. Jakobson (1976) explica que:

"por efetiva que seja a ênfase na repetição, em poesia, a textura sonora está longe de confinar-se a combinações numéricas, e um fonema que apareça uma única vez, mas numa palavra-chave, em posição pertinente, contra um fundo contrastante, pode adquirir relêvo significativo." (JAKOBSON, 1976, p. 154).

Jakobson (op. cit.) explica, ainda, que há dois modos de gerar significado pelos segmentos fônicos na textura sonora da linguagem poética: ou na acumulação de certa classe de fonemas, como observamos em Bandeira (op. cit.), ou na reunião contrastante de duas classes opostas de fonemas, como em Drummond (op. cit.).

Há, ainda, modo de gerar sentido no uso de alofones, ou seja, das variações de um só fonema, como mostra Madureira (2018). A autora analisa os róticos presentes no poema *Navio negroiro* escrito por Castro Alves e gravado pelo ator Paulo Autran a fim de investigar o uso expressivo das variedades dos róticos e o efeito de sentido produzido pelos diferentes alofones.

O estudo mostra que a escolha das variantes fonéticas usadas na leitura do poema muda conforme a emoção presente. Na primeira parte, o eu-lírico narra a beleza da natureza e os róticos usados, conforme mostra Madureira, são sons aproximantes e fricativos, sem tensão no trato

vocal, passando a sensação de leveza. Ao longo do poema, conforme o eu-lírico se depara com o navio negreiro, a tensão do trato vocal aumenta, indicando o horror, a agitação, a perturbação e a raiva, expressada pela produção dos róticos vibrantes.

Paulo Autran, ao ler o poema e usar diferentes variações do som do *r*, usou o simbolismo sonoro para expressar sentidos variados, criando analogias entre a matéria fônica e o efeito de sentido transmitido, de modo a deixar a leitura mais emotiva e poética. O ator consegue, por meio dos alofones usados, gerar impacto no ouvinte, que, mesmo sem ter conhecimento de fonética, sente os efeitos causados pelas diferentes variações.

A partir dessas observações, notamos os desdobramentos da proposição do fonema por Jakobson (1977) rumo ao simbolismo sonoro. Observamos os impactos gerados pelo fonema, e como os elementos fonéticos transmitem sentido.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, abordamos o fonema sob duas perspectivas. Analisamos as descobertas de Jakobson (op. cit.) e seu olhar microscópico para o fonema: seus traços mínimos, seu valor e sua divisibilidade, e com um olhar mais amplo para os efeitos de sentido causados pela materialidade fônica. Por meio desse olhar, conseguimos vislumbrar o caminho percorrido por este autor para que suas observações acerca do simbolismo sonoro fossem possíveis, passando pelos pensadores gregos e por Saussure.

A relevância de Saussure (op. cit.) no processo de construção de uma obra jakobsoniana é notável. Saussure deixa o legado de uma linguística científica, se afastando de tudo o que havia sido feito até então e propondo um novo ideal de ciência. Ademais, propõe um olhar minucioso para *la langue* embasado em fundamentos teóricos e um raciocínio dedutivo, sendo considerado, por isso, o pai da linguística científica. Percebemos os ecos de Saussure na reflexão jakobsoniana, e procuramos indicá-los. Esta direção de investigação nos conduziu à problemática do simbolismo sonoro, abrindo perspectivas para a expressividade da fala.

Jakobson (1977) dialoga com Saussure com maestria, reconhecendo os seus feitos, exaltando os seus ganhos, mas também levantando questões. Deste modo, o debate que Jakobson faz com Saussure é de extrema elegância, validando com sabedoria o que é possível de ser ampliado, desenvolvido e desdobrado. Jakobson não trata o texto saussuriano como sagrado mas como conquista inequívoca no campo dos estudos linguísticos.

Como assinalado por Lévi-Strauss, Jakobson inaugura pensamentos inovadores, originais. Sem dúvida, como procuramos mostrar, ele coloca em discussão princípios caros ao pensamento de Saussure, como os princípios da arbitrariedade e da oposição. De maneira brilhante, Jakobson (op. cit.), eleva a discussão sobre o fonema, cria a fonologia, postula a redutibilidade do fonema a traços mínimos e, com isso, impulsiona a sua reflexão para a relação entre o som e o sentido.

Os estudos sobre o simbolismo sonoro apontam que os elementos fônicos presentes na cadeia da fala imprimem efeitos de sentido, geram sensações e carregam conteúdos estéticos e emotivos, impactando o ouvinte, conforme indicado neste trabalho por meio da poesia.

Observamos os desdobramentos do fonema e ressaltamos, assim, que as discussões, que começaram em *Crátilo* e permearam os estudos linguísticos, passando por Saussure e Jakobson, estão presentes até os dias de hoje devido às infindáveis possibilidades acerca desse elemento complexo. Não apenas por carregar os traços distintivos propostos por Jakobson, como também, por transmitir, por meio desses traços, características acústico-articulatórias que motivam vínculos entre som e sentido.

Frente às considerações encaminhadas neste artigo, entendemos ser relevante introduzir trabalhos que colocam em discussão a problemática da relação entre a arbitrariedade radical⁶ vs. a motivação relativa dos signos⁷. Neste contexto ficam em relativa oposição Saussure e Jakobson. Trata-se de uma divergência que merece ser reconhecida e discutida, na medida em que ela permite, que sejam vislumbrados os desdobramento de ambas as tendências no campo dos estudos sobre a linguagem.

REFERÊNCIAS

- ABELIN, Å. *Studies in Sound Symbolism*. 1999. Tese (Doutorado em Filosofia, Departamento de Linguística) - Göteborg University, Suécia, 1999.
- ANDRADE, C. *Alguma Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BANDEIRA, M. *Antologia poética*. 6. ed. São Paulo: Global, 2013.
- DE LEMOS, C. Los Procesos Metafóricos e Metonímicos como Mecanismos de Cambio. In: *Substratum*, Barcelona, v. 1, n 1, p. 121-135, 1992.
- DE LEMOS, C. Das Vicissitudes da Fala da Criança e de sua Investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 42, p. 41-69, Jan./Jun. 2002. 1992.
- DE LEMOS, C.; VITTO, M.; ANDRADE, L.; SILVEIRA, E. Le Saussurisme en Amérique Latine au XXe siècle. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 56, p. 165-176, 2003.
- FONAGY, I. *Languages Within Languages: na Evolutive Approach*, Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000.
- JAKOBSON, R. Linguística e Poética. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix e Universidade de São Paulo, 1976.
- JAKOBSON, R. *Seis Lições Sobre o Som e o Sentido*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.
- JAKOBSON, R. A Escola Linguística de Praga. In: TOLEDO, D. (org.). *Círculo Linguístico de Praga: Estruturalismo e Semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978.
- JAKOBSON, R. Formalismo Russo, Estruturalismo Tcheco. In: TOLEDO, D. (org.). *Círculo Linguístico de Praga: Estruturalismo e Semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978.
- JAKOBSON, R.; POMORSKA, K. *Diálogos*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- KÖHLER, W. *Gestalt Psychology*. New York: Liveright, [1929] 1947.
- LACAN, J. A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud. In. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, v. 1995, 1957.
- LIER-DE VITTO, M. *Os Monólogos da Criança: "Delírios da Língua"*. Educ, 1998.

⁶ Vale ressaltar que essa herança saussuriana foi incorporada na psicanálise por Lacan (1957) em seu retorno a Freud. Também, no campo da aquisição da linguagem, esta tendência foi valorizada no trabalho de De Lemos (1992 e outros), De Lemos *et. al.* (2003) e Lier DeVitto (1998).

⁷ Nesta direção, podemos indicar os trabalhos de Abelin (1999), Nobile (2019) e Madureira (2020).

MADUREIRA, S. Brazilian Portuguese Rhotics in Poem Reciting: Perceptual, Acoustic and Meaning-related Issues. In: Mark Gibson; Juana Gil. (Org.). *Romance Phonetics and Phonology*. 1ed. Oxford: Oxford University Press, 2018, v. 1, p. 76-96.

MADUREIRA, S. *Fonética: que bicho é esse?*. Canal Abralín, 2020, São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O80ZamzKQ3U&t=2711s>. Acesso em: 06 de agosto de 2020.

NOBILE, L. Sound Symbolism in the Age of Digital Orality. A Perspective on Language Beyond 'Nature' and 'Culture'. *Signifiances (Signifying)*, v. 3, n.1, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18145/signifiances.v3i1.248>.

PLATÃO. *Crátilo, ou Sobre a Correção dos Nomes*. Tradução de Celso de Oliveira Vieira. São Paulo: Paulus, 2014.

POE, E. *The Works of Edgar Allan Poe*, The Raven Edition, v. 5. New York: P. F. Collier and Son. 1903.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.

TOLEDO, Dionísio. *Círculo Linguístico de Praga: Estruturalismo e Semiologia*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1978.

Recebido: 4/11/2020

Aceito: 4/1/2021

Publicado: 18/1/2021